



**DIFICULDADES DE ADAPTAÇÃO E DE REALIZAÇÃO  
ACADÉMICA NO ENSINO SUPERIOR: ANÁLISE DE ACORDO  
COM AS ESCOLHAS VOCACIONAIS E O ANO DE CURSO**

**DIFFICULTIES IN ADAPTATION AND ACADEMIC  
PERFORMANCE IN HIGHER EDUCATION: AN ANALYSIS IN TERMS  
OF VOCATIONAL PREFERENCES AND LEVEL OF EDUCATION**

*Leandro S. ALMEIDA, Ana Cristina SANTOS,  
Pedro B. DIAS, Susana G. BOTELHO & Vera M. RAMALHO\**

**Resumo**

Assiste-se a uma maior sensibilidade por parte dos investigadores e autoridades académicas com as dificuldades de adaptação e de realização dos estudantes do Ensino Superior. Tais dificuldades são particularmente sentidas junto dos alunos do 1º ano. Um projecto de investigação neste domínio decorre na Universidade do Minho. Neste artigo apresentam-se alguns dados descritivos das dificuldades académicas de uma amostra portuguesa de estudantes do Ensino Superior (n=370), tomando-se quer o facto dos estudantes poderem ou não estarem a frequentar o curso e estabelecimento de ensino correspondente à sua 1ª escolha vocacional, quer o ano escolar em que os estudantes se encontram. Os resultados sugerem que as dificuldades académicas nas áreas avaliadas não se diferenciam de acordo com as opções vocacionais dos estudantes, muito embora algumas diferenças são encontradas quando comparamos os alunos dos anos iniciais e terminais do curso superior que frequentam.

**INTRODUÇÃO**

Assiste-se a um número crescente de projectos de investigação e intervenção psicológica junto dos estudantes do Ensino Superior em Portugal. Reconhece-se, por um lado, as particularidades desenvolvimentais dos jovens adultos e as tarefas específicas do seu desenvolvimento psicológico. Por outro, reconhece-se a especificidade das oportunidades e das vivências próprias do Ensino Superior. No fundo, julga-se a Universidade como um contexto particular de desenvolvimento da autonomia, da identidade, das relações interpessoais, do projecto vocacional e do sentido de vida dos jovens que a frequentam (Chickering, 1969). Por outras palavras, a diversidade e riqueza dos contextos de vida no Ensino Superior constituem-se em factores desencadeantes de novas aquisições e estruturas pessoais ao nível do desenvolvimento psicossocial do jovem adulto (Gonçalves & Cruz, 1988; Pascarella & Terenzini, 1991).

\* Estudo integrado no Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho. A correspondência relativa a este artigo deve ser enviada: L. S. Almeida, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710 Braga, Portugal.

A par das questões reportadas ao desenvolvimento psicológico, importa não descurar as situações de aprendizagem e de realização académica. A maior sensibilidade por parte da Psicologia às questões do desenvolvimento pessoal e social dos alunos, não faz esquecer a justificação social do Ensino Superior mais ligada à formação dos jovens. Também neste campo são conhecidas as dificuldades dos alunos, nomeadamente os problemas de aprendizagem e de realização académicas. Por razões diversas, e sobretudo no primeiro ano, verifica-se uma taxa elevada de insucesso escolar. A preocupação com tais taxas e os esforços com a sua superação têm justificado algumas das investigações em curso, por exemplo esta em que nos encontramos envolvidos na Universidade do Minho.

Tomando alguns instrumentos de avaliação psicológica em uso nesta problemática e população, podemos identificar algumas áreas habitualmente tomadas na descrição das dificuldades dos alunos na sua adaptação académica. Segundo Baker e Schultz (1992) podemos considerar o ajustamento académico propriamente dito (a participação nas actividades escolares, a motivação, o sucesso na aprendizagem, a satisfação com o curso), o ajustamento social (as relações com os pares e com os professores, o ambiente social na Universidade), o ajustamento pessoal-emocional (os sentimentos de bem-estar psicológico e físico), e o envolvimento e participação nos objectivos institucionais (satisfação com o ambiente académico, participação nas suas actividades associativas e de lazer). Por outras palavras, podemos concordar que o quotidiano dos estudantes universitários se caracteriza por situações de confronto com os problemas decorrentes das actividades académicas, das actividades interpessoais e sociais, assim como com os problemas ligados à identidade e ao desenvolvimento vocacional (Gonçalves & Cruz, 1988). Tendencialmente, este confronto ganha particular relevância na entrada para a Universidade (Ferreira & Almeida, 1997).

Reconhecendo as possibilidades e as dificuldades das vivências académicas quer no desenvolvimento psicossocial quer na realização académica dos jovens universitários, o interesse dos psicólogos por este campo de actuação tem aumentado nos últimos anos. Também a abertura progressiva do Ensino Superior a jovens provenientes de estratos sócio-culturais mais heterogêneos, decorrente da democratização crescente do acesso a este nível de ensino nos nossos dias, faz aumentar a consciência das autoridades académicas com as dificuldades da sua população estudantil. Importa que os desafios suscitados pela vivência académica sejam minimamente acompanhados em termos preventivos e remediativos de forma à sua rentabilização efectiva para o desenvolvimento e a formação humana, social e profissional dos jovens. Importa que o desafio seja acompanhado pelo apoio, pois que “ambos são necessários uma vez que os indivíduos não crescem sem desafios e o montante dos desafios tolerados será dependente do apoio disponível” (Ferreira & Hood, 1990, p. 402).

Assim, as situações de crise vivenciadas por estes jovens não significam necessariamente sinais negativos, ou situações patológicas do seu desenvolvimento ou adaptação académica. Pelo contrário, devem ser evidenciadas as possibilidades que criam ou estimulam, quando suficientemente enquadradas, para níveis superiores de desenvolvimento. Por sua vez, mesmo aceitando a entrada na Universidade como bastante desestabilizadora para os jovens em causa (Montemayor *et al.*, 1985), importa referir que “o impacto das experiências depende das características do indivíduo sujeito à experiência” (Chickering, 1969). No caso do estudante do Ensino Superior, o impacto do curso e do estabelecimento que frequenta, da separação da família e amigos anteriores, das especificidades e exigências curriculares, da adaptação às novas condições de aprendizagem e metodologias de ensino dos professores, dos novos colegas ou das condições habitacionais (...) pode variar

de acordo com as capacidades e as características pessoais dos alunos (Fisher, 1986).

Finalmente, importa salientar a particularidade em Portugal de um número considerável de alunos, face à decisão política de existência de “*numerus clausus*”, não se encontrar a frequentar o par curso/estabelecimento de ensino que mais desejavam. Alguns alunos frequentam cursos e estabelecimentos de ensino que não foram a sua primeira ou segunda escolha, como veremos mais à frente neste artigo. Se as dificuldades dos jovens, por exemplo ao nível da motivação e do envolvimento académicos, podem manifestar-se através de problemas diversos de adaptação e de realização académica (Baker & Schultz, 1992), podemos antecipar que a situação se encontra particularmente agravada nestas condições.

Em resumo, vários programas de intervenção psicológica têm sido aplicados junto desta população estudantil. Pela sua natureza e objectivos tais programas diferenciam-se desde uma lógica remediativa a uma lógica promocional, desde os programas específicos até aos programas organizados em termos curriculares. No entanto, a fundamentação e a avaliação destes programas, sobretudo no que diz respeito à respectiva eficácia, são motivo de controvérsia. Os resultados práticos da sua aplicação nem sempre são animadores (Bastos & Gonçalves, 1997).

Ao longo deste artigo, e no quadro de um trabalho mais amplo de levantamento das principais áreas de dificuldade na adaptação académica dos universitários portugueses (Almeida & Ferreira, 1997), procura-se identificar as áreas em que maiores dificuldades são vivenciadas pelos estudantes. Ao mesmo tempo, procura-se analisar em que medida tais dificuldades se diferenciam de acordo com algumas das variáveis pessoais dos estudantes, por exemplo o facto de frequentarem ou não o curso/estabelecimento de ensino correspondente à sua primeira opção, ou o

facto de serem estudantes dos primeiros ou últimos anos do curso que frequentam.

## **METODOLOGIA**

### ***Amostra***

Responderam ao inquérito um total de 378 estudantes, tendo sido anulados 8 protocolos devido ao número elevado de itens sem resposta. Esta amostra é essencialmente constituída por estudantes do sexo feminino (75%) e a frequentar maioritariamente o 2º (50%) e o 1º (29%) ano de um curso superior. As suas idades oscilam entre 17 e 40 anos, sendo a média etária de 20.2 (D.P.= 2.66).

O estado civil da quase totalidade dos estudantes é solteiro (95%). Em termos de residência durante as aulas, a quase totalidade dos estudantes reside a menos de 10 Km de distância do estabelecimento de ensino que frequenta (94,4%). No que diz respeito à residência em tempo de férias, 33% residem a menos de 10 Km, 30% entre 10 e 50 km, 17% entre 50 e 100 Km e 21 % a mais de 100 Km de distância do estabelecimento de ensino. Olhando à profissão dos pais, verifica-se uma relativa heterogeneidade sócio-económica dos estudantes avaliados: nível baixo (31%), nível médio (38%) e nível alto (23%), havendo ainda 9% não classificados. Quanto à sua situação de estudante, apenas 7% tem um *part-time* e 4% é estudante-trabalhador (o número de horas semanais de trabalho nestes dois últimos grupos oscila entre 1 e 45 horas por semana, situando-se a média em 17,2 e o desvio-padrão em 12,99).

Em relação aos cursos frequentados pelos alunos da amostra, 44% situam-se na área das Ciências Sociais e Humanas, 32% nos cursos de Ensino/Formação de Professores, 18% na área das Ciências da Saúde e 7% na área das Tecnologias. Quanto ao estabelecimento de ensino, 29% dos alunos frequentam estabele-

cimentos de Ensino Superior na cidade do Porto, 29% em Braga, 25% em Coimbra e 17% nos Açores.

### ***Instrumento e procedimento***

Os estudantes responderam a uma primeira versão do “Inventário de Vivências Académicas” em construção (Almeida & Ferreira, 1997). No sentido da validação deste inventário procedeu-se à recolha de alguns dados sócio-demográficos dos estudantes que integraram a amostra, assim como de elementos informativos sobre as suas dificuldades académicas. Estes elementos informativos são agora apresentados neste artigo.

Os estudantes foram informados dos objectivos deste estudo e consentiram na avaliação. O inventário foi preenchido durante o tempo de aulas em horário cedido pelos professores. A aplicação do inventário decorreu maioritariamente no mês de Novembro de 1997, e foi simultâneo aos vários estabelecimentos de ensino.

Nas análises estatísticas recorreu-se ao Programa SPSS (versão para Windows). Por maior facilidade de leitura dos dados, optou-se pela apresentação da média e desvio-padrão em alguns itens de formato *likert*. Nas questões abertas do questionário, procedeu-se a uma categorização prévia das respostas obtidas.

### ***Resultados***

A apresentação dos resultados será feita em dois momentos. Num primeiro momento apresentam-se alguns dados descritivos das condições académicas e pessoais dos estudantes observados; num segundo analisaremos as dificuldades sentidas pelos alunos, diferenciando aqui o ano escolar e as escolhas pelos cursos/estabelecimentos que os estudantes frequentam. Para este último caso, formaremos dois grupos: (i) os alunos cuja opção de curso e estabelecimento se encontra satisfeita

(sua primeira opção), e (ii) os alunos cuja opção de curso e estabelecimento não se situou na 1ª nem na 2ª opção.

### ***Situação académica***

Vários elementos da situação académica dos estudantes foram recolhidos. Assim, 64% dos estudantes refere nunca ter reprovado no seu percurso escolar, variando os valores das reprovações entre nenhuma e quatro. Quanto às faltas às aulas, observou-se uma grande variedade de respostas (maior em relação às aulas teóricas, geralmente sem registo de faltas ou presença obrigatória). A média no número de faltas às aulas teóricas no último mês (Novembro de 1997) situou-se em 4,4, descendo para apenas 1,4 em relação às aulas práticas (frequência registada e obrigatória).

Em relação às horas semanais de estudo, verifica-se uma diferença clara entre o número de horas em tempo de aulas e o número de horas em períodos de testes. Assim, durante as aulas a média de horas situa-se em 8,0 (DP=6,65), situando-se em 30,9 (18,72) a média e desvio-padrão para o número de horas no período de testes. Podemos explicar estes resultados pelo facto da maioria das universidades portuguesas contemplarem um período específico sem aulas, dedicado aos exames, o que permite que a preparação para os mesmos seja feita, na sua maioria, durante essa época.

Questinados em relação às suas dificuldades no actual momento académico e quanto aos factores que poderiam fazer aumentar o seu rendimento académico, assistiu-se a uma grande diversidade de aspectos apontados (a questão tinha um formato aberto no inquérito). Tomando apenas a primeira dificuldade apontada pelos alunos, assim como o primeiro factor que poderia em sua opinião favorecer o rendimento, no quadro I podemos assinalar as percentagens de resposta para as seguintes categorias (as demais respostas, já em número reduzido, não puderam ser classi-

ficadas nestes agrupamentos): C1 - gestão do tempo; C2 - adaptação ao meio académico (estabelecimento, curso,...); C3 - relacionamento (família, colegas,...); C4 - aprendizagem (métodos de estudo, bases de conhecimentos, motivação,...); e C5 - ensino (práticas pedagógicas, relação com os professores, métodos de avaliação,...).

Quadro I - Percentagens de respostas por cada categoria

Categorias	C1	C2	C3	C4	C5
Dificuldades sentidas	33%	11%	3%	10%	9%
Factor de rendimento	22%	17%	2%	8%	17%

A gestão do tempo surge como a dificuldade mais verbalizada pelos estudantes (33%), ocupando o relacionamento com os outros uma posição oposta (apenas 3%). De igual modo estas dificuldades surgem apontadas pelos estudantes como os factores mais decisivos no seu rendimento académico. A gestão de tempo é mencionada por um quinto dos alunos (22%), surgindo de perto três outros factores: adaptação à Universidade, aspectos da aprendizagem e aspectos do ensino ministrado.

Uma análise das frequências de resposta foi efectuada repartindo os alunos por 3 grupos de escolaridade: alunos do 1º ano, alunos do 2º ano, e alunos do 3º ao 5º ano. Os valores do qui-quadrado obtidos, quer para a percepção das dificuldades ( $X^2=51,3$ ;  $gl=8$ ;  $P<.001$ ) quer para os factores de rendimento ( $X^2=40,2$ ;  $gl=8$ ;  $p<.001$ ), apresentaram-se estatisticamente significativos. Nos dois casos, os alunos dos primeiros anos mencionam mais as dificuldades de adaptação à instituição de ensino superior que frequentam, os problemas com a gestão de tempo e os factores associados à aprendizagem. Estes resultados podem dever-se à menor duração da experiência académica desses alunos, nomeadamente no que diz respeito à adaptação à instituição e à gestão do tempo. Os alunos dos anos académicos mais avançados, na expli-

cação do seu rendimento académico, apontam as práticas de ensino não tanto como uma dificuldade sentida, mas sobretudo como um factor que, se alterado, poderia fazer aumentar o seu rendimento académico. Neste sentido, as suas respostas constituem-se em crítica às práticas docentes dos seus professores, o que pode estar associado a um maior contacto com diferentes docentes, permitindo-lhes desenvolver um maior sentido crítico face aos métodos de ensino e às características individuais dos professores.

Outro aspecto importante neste inquérito prendia-se com a correspondência entre as opções dos alunos e a sua colocação em termos de curso e de estabelecimento de ensino. No quadro II apresentamos a distribuição das respostas obtidas cruzando as duas questões (curso e estabelecimento), salientando a correspondência ao nível da 1ª opção, da 2ª opção ou da 3ª/posterior opção.

Quadro II - Distribuição dos alunos pelas suas opções de curso e estabelecimento (correspondência)

Estabelecimento	1ª opção	2ª opção	3ª e + opção
curso: 1ª opção	165	17	9
curso: 2ª opção	31	23	2
curso: 3ª e + opção	22	3	86

Como podemos constatar, a maioria dos estudantes frequenta o curso e estabelecimento de ensino que corresponde à sua primeira opção, havendo 86 alunos que, no outro extremo, não frequentam nem curso nem estabelecimento correspondente, em ambos os casos, à sua 1ª ou 2ª opção. Nas análises estatísticas inferenciais tomaremos apenas os alunos que se situam nestes dois grupos mais claramente diferenciados.

### *Vivências e dificuldades académicas*

Tomando os alunos melhor e pior enquadrados nos seus cursos/estabelecimen-

Quadro III - Dificuldades sentidas em alunos com melhor e mais fraco enquadramento

Dificuldades	Am.Geral		Grup1		Grup2	
	M	DP	M	DP	M	DP
Ansiedade exames	3,5	0,98	3,6	0,98	3,5	1,05
Auto-disciplina	2,8	1,05	2,8	1,07	2,7	1,02
Preparação exames	3,1	0,91	3,2	0,96	2,9	0,85
Tirar apontamentos	2,6	1,17	2,6	1,16	2,4	1,25
Apresentação oral	3,3	1,25	3,3	1,25	3,2	1,29
Memória	2,8	1,01	2,8	1,03	2,6	1,06
Redacção trabalhos	2,8	1,01	2,8	1,01	2,6	0,99
Gestão do tempo	3,1	1,13	3,2	1,17	3,1	1,12
Compreensão textos	2,6	1,05	2,7	0,98	2,3	1,14
Consulta de bibliografia	3,0	1,31	3,1	1,35	2,8	1,26

tos de ensino face às opções de carreira ou motivações pessoais no momento das suas candidaturas, apresentamos os valores da média e de desvio-padrão das dificuldades dos alunos num conjunto de situações académicas (quadro III). Esta análise tomará a amostra global de estudantes observados, o grupo de alunos que se encontra no curso e estabelecimento correspondente à sua 1ª opção (grupo 1) e o grupo de alunos que não se encontram nas suas duas primeiras opções em termos de curso e de estabelecimento (grupo 2).

Numa escala de 1 a 5 podemos salientar as médias mais elevadas nas dificuldades associadas às situações de avaliação académica (ansiedade nos exames, preparação dos exames, apresentação oral dos trabalhos), complementadas pelas dificuldades de gerir o tempo e de consulta de bibliografia em língua estrangeira. Menos dificuldades são sentidas nas actividades ou situações da própria aprendizagem (compreensão dos textos e tirar apontamentos).

Acrescente-se que as pontuações médias nas dificuldades enumeradas não se afastam muito tomando os alunos de acordo com o ano do curso que frequentam, o que as torna

bastante gerais na sua forma de distribuição. No entanto, os alunos do 1º ano apresentam maiores dificuldades de auto-disciplina e de compreensão dos textos (diferença estatisticamente significativa). As dificuldades de auto-disciplina apresentadas podem dever-se ao facto dos alunos recém-chegados à Universidade se encontrarem, em termos desenvolvimentais, a iniciar o desempenho de um novo papel - aluno universitário -, o qual acarreta uma maior autonomia em relação aos métodos de estudo e à gestão do tempo. A dificuldade sentida na compreensão dos textos pode resultar do pouco contacto dos alunos com a linguagem científica específica do seu curso, ou na própria língua em que eles se encontram redigidos face às dificuldades também mencionadas de leitura da bibliografia em língua estrangeira.

No que diz respeito às diferenças entre o Grupo 1 e o Grupo 2, não parecem existir diferenças significativas quanto às dificuldades sentidas nas diferentes situações académicas apontadas. Assim, o facto dos alunos se encontrarem ou não no curso e estabelecimento de ensino desejados, não parece influenciar as dificuldades sentidas, ou seja, todos os alunos percebem o mesmo tipo de dificuldade face às exigências inerentes a

qualquer curso superior ou às condições mais gerais de adaptação universitária.

Por último, importa salientar que várias destas dificuldades se apresentam intercorrelacionadas de forma moderada. As intercorrelações mais elevadas situaram-se entre a gestão de tempo e a auto-disciplina ( $r=.37$ ) e a auto-disciplina e os exames ( $r=.35$ ). Ainda em relação à realização dos exames, as dificuldades sentidas encontram-se correlacionadas com as dificuldades apontadas à memória ( $r=.33$ ), à redacção dos textos ( $r=.28$ ) e à compreensão ( $r=.34$ ).

A análise das dificuldades sentidas pelos estudantes não pode desligar-se de uma outra questão em que os alunos podiam expressar se, no presente, gostam ou não gostam do seu curso e do seu estabelecimento de ensino. No quadro IV apresentam-se as percentagens de alunos para cada uma das situações.

Quadro IV - Gosto pelo curso e estabelecimento de ensino frequentados

Percepção de:	Gosta	Não gosta	Sem opinião
Curso	88%	4%	6%
Estabelecimento	69%	12%	12%

Os valores sugerem que, apesar de existir um grande número de alunos que não se encontram a frequentar o curso e o estabelecimento correspondente à sua 1ª opção ou escolha (23%), é certo que no momento da avaliação uma clara maioria dos alunos manifesta que gosta do seu curso ( $n=325$ ) e do estabelecimento de ensino que frequenta ( $n=256$ ). Mesmo assim, é claramente superior a percentagem dos alunos que gosta mais do seu curso que do seu estabelecimento de ensino.

Olhando aos 45 alunos que manifestam não gostar do seu estabelecimento de ensino, as médias nas dificuldades avaliadas não se

diferenciam dos valores apontados anteriormente (cf. quadro III). Esta não diferenciação, em parte já verificada nas análises atrás, parece sugerir um padrão genérico de respostas e de vivências por parte dos estudantes nas situações de dificuldade apontadas, não marcadamente associado às escolhas vocacionais dos estudantes. Por outro lado, parece haver uma certa facilidade de adaptação dos estudantes ao curso e ao estabelecimento de ensino, mesmo quando por razões de “*numerus clausus*” eles não podem frequentar as suas primeiras escolhas. Esta adaptação aparenta ser mais fácil em relação ao curso do que em relação ao estabelecimento, sugerindo que o mais importante é conseguir entrar no Ensino Superior.

## CONCLUSÕES

Ao longo deste artigo apontamos algumas das dificuldades enumeradas pelos alunos na sua adaptação e realização académica. Os valores obtidos sugerem percepções de maiores dificuldades nas situações mais associadas com a aprendizagem e a realização académica (organização do estudo e realização dos exames). Nos alunos dos anos escolares iniciais tais dificuldades são assumidas como pessoais, por exemplo as dificuldades de auto-disciplina e de gestão do tempo. Nos alunos dos anos escolares mais avançados algumas respostas apontam o método de ensino dos professores como um dos factores para as suas dificuldades de sucesso académico. A experiência académica diferente destes dois grupos de alunos explicará as diferenças observadas nos resultados.

Resultado tão interessante quanto não esperado prende-se com as dificuldades percebidas por parte dos alunos que frequentam cursos/estabelecimentos de ensino correspondentes ou não às suas primeiras opções e escolhas vocacionais. Pelo menos no momento em que se realizou esta avaliação, estes dois grupos de alunos não se diferen-

ciam fortemente nas dificuldades percepcionadas e nos factores que em sua opinião poderiam fazer aumentar o seu rendimento académico. Estes dados, por um lado, parecem sugerir que as dificuldades sentidas são gerais a toda a população universitária e que, independentemente dos cursos, algumas exigências próprias do Ensino Superior são colocadas a todos os alunos e em todos os cursos. Acrescente-se, ainda, que mesmo não tendo entrado nas primeiras opções, alguns destes estudantes acabam por se “adaptar” ao curso - aliás mais que ao estabelecimento de ensino -, assumindo como mais importante o estarem a frequentar um curso superior. Este dado pode associar-se, também, às possibilidades dos alunos poderem vir a solicitar e a serem atendidos nalgum pedido de transferência de curso/estabelecimento, ou ainda à importância e reconhecimento social de um curso superior, aspectos que poderão relevar para segundo plano o próprio curso frequentado. A maior adaptação ao curso do que ao estabelecimento de ensino frequentado - quando não eram as primeiras opções - pode explicar-se pelo facto de alguns alunos da amostra serem provenientes do Ensino Superior Politécnico, podendo alguns desses alunos apresentarem certa frustração por não terem entrado na Universidade ou manter a expectativa de transferência de estabelecimento.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, L. S. & Ferreira, J. A. (1997). Inventário de Vivências Académicas. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.
- Baker, R. W. & Schultz, K. L. (1992). Measuring expectations about college adjustment. *NACADA Journal*, 12 (2), 23-32.
- Bastos, M. A. & Gonçalves, O. (1997). Margens de incerteza na intervenção psicológica para o desenvolvimento pessoal de jovens e adultos: apontamentos para uma reflexão. Actas do I Congresso Luso-Espanhol de Psicologia da Educação. Coimbra: APPORT.
- Chickering, A. (1969). *Education and identity*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Chickering, A. & Reisser, L. (1993). *Education and identity*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Ferreira, J. A. & Almeida, L. S.. (1997). Questionário de vivências académicas (QVA): Fundamentação e procedimentos preliminares de construção. Avaliação Psicológica: Formas e Contextos: Vol. 5. Braga: APPORT.
- Ferreira, J. A. & Hood, A. B. (1990). Para a compreensão do desenvolvimento psicossocial do estudante universitário. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIV, 391 -406.
- Fisher, S. (1986). *Stress and strategy*. London: Lawrence Erlbaum.
- Gonçalves, O. & Cruz, J. F. (1988). A organização e implementação de serviços universitários de consulta psicológica e desenvolvimento humano. *Revista Portuguesa de Educação*, 1, 1, 127-145.
- Montemayor, R., Brown, B. & Adams, G. R. (1985). Changes in identity status and psychological adjustment after leaving home and entering college. Paper presented at Biennial Conference of the Society Research in Child Development. Toronto, Canadá.
- Pascarella, E. T. & Terenzini, P. (1991). How college affects students: findings and insights from twenty years of research. San Francisco: Jossey-Bass.